

**Sobre a “não-utilidade” da vida: resenha do livro *A vida não é útil*, de Ailton Krenak**

**Sobre la “no utilidade” de la vida: reseña del libro “*La vida no es útil*”, de Ailton Krenak**

Anthony Gabriel da Silva Frota  
Faculdade Diocesana São José  
Rio Branco - Brasil

**Resumo**

O presente texto é uma resenha crítica do livro *A vida não é útil*, do filósofo indígena e ambientalista Ailton Krenak (Membro Imortal da Academia Brasileira de Letras). Trata-se de um livro que convida a uma reflexão baseada na sabedoria ancestral dos povos indígenas. Diante de uma sociedade dominada pelo egocentrismo, pelo consumismo desenfreado, pela degradação ambiental e pela falta de harmonia entre o ser humano e o meio ambiente, Krenak salienta a importância de retomar uma visão do planeta Terra que leve em consideração as diferentes cosmologias dos povos tradicionais, que são pioneiros no cuidado com a natureza.

**Palavras-chave:** Natureza; Ecologia; Sabedoria indígena.

**Resumen**

Este texto es una reseña crítica del libro *La vida no sirve*, del filósofo y ambientalista indígena Ailton Krenak (Miembro Inmortal de la Academia Brasileña de Letras). Este es un libro que invita a la reflexión basada en la sabiduría ancestral de los pueblos indígenas. Frente a una sociedad dominada por el egocentrismo, el consumismo desenfrenado, la degradación ambiental y la falta de armonía entre los seres humanos y el medio ambiente, Krenak destaca la importancia de retomar una visión del planeta Tierra que tenga en cuenta las diferentes cosmologías de los pueblos tradicionales, pioneros en el cuidado de la naturaleza.

**Palabras clave:** Naturaleza; Ecología; Sabiduría indígena.

Ailton Alves Lacerda Krenak é um líder indígena, filósofo, poeta e membro “Imortal” da Academia Brasileira de Letras (ABL), sendo o primeiro representante dos povos tradicionais a ocupar uma cadeira nessa instituição. É também professor *honoris causas* em duas universidades: a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e a Universidade de Brasília (UnB). Embora seja um escritor “à margem” do convencional, visto que não se adequa às exigências do “cânone filosófico” tradicionalmente difundido nas academias, a relevância de sua produção intelectual está no fato de que Ailton transmite boas doses da sabedoria indígena para o fortalecimento da causa ecológica no Brasil.

Para a perspectiva eurocêntrica, falar em “filosofias indígenas” constitui uma heresia imperdoável. Contudo, as consistentes contribuições de Krenak para a reflexão filosófica desafiam tais preconceitos.

*A vida não é útil*, livro lançado em 2020, reúne uma coletânea de cinco textos: “Não se come dinheiro”; “Sonhos para adiar o fim do mundo”; “A máquina de fazer coisas”; “O amanhã não está à venda e, por fim, “A vida não é útil”<sup>i</sup>. De forma incisiva, Krenak destaca os principais danos que a mentalidade capitalista provoca no meio ambiente. Segundo o autor, as concepções de mundo que enxergam a natureza como uma “mercadoria” - ou tendem a colocar o homem no centro do Universo - acabam acarretando uma série de genocídios, desmatamentos, poluições e consequências profundamente irreversíveis. Parafraseando um famoso provérbio de seus ancestrais, ele afirma: “Quando o último peixe estiver nas águas e a última árvore for removida da terra, só então o homem perceberá que ele não é capaz de comer seu dinheiro” (Krenak, 2020, p. 8).

No conjunto da obra, Krenak faz duras críticas ao discurso hegemônico e antropocêntrico, que coloca um grupo seleto de seres humanos como o “clube exclusivo” da humanidade. Isso acaba por desconsiderar as vidas que não se encaixam nessa categoria bem demarcada: a “sub-humanidade”, i.e., as demais formas de vida existentes no planeta Terra. Entretanto, a natureza sempre tem a sua resposta para a soberba do homem – este ser “todo poderoso”, que se acha no direito de dominar tudo aquilo que o rodeia.

O poder, hoje, é uma abstração concentrada em marcas aglutinadas em corporações e representada por alguns humanoides. Não tenho dúvida de que esses humanoides, focados no poder da grana, também vão sofrer uma saturação. Estamos experimentando uma gradual mudança na condição de vida no planeta e seremos todos postos no mesmo patamar. Um cara que tem trezentos trilhões e eu e você vamos ficar todos na mesma. Essa gente que detém a riqueza é capaz de, descaradamente, ter centros onde não enfrentarão problemas com doença alguma,

pois ficarão blindados, cada um com seu respirador reservado. O que eles não sabem é que a fonte de energia para o bunker secreto deles também pode ser desligada (Krenak, 2020, p. 15-16).

No trecho supracitado, o autor salienta que, diante da força da natureza, as forças humanas são demasiado limitadas. Sem os recursos naturais, o homem é incapaz de sobreviver. E na medida em que esses recursos são exauridos, a vida de todos – ricos e pobres – é ameaçada. Surge então a seguinte pergunta: as fortunas bilionárias poderão impedir o colapso do planeta?

Na visão de Krenak, a resposta é negativa. No fundo, os “super ricos” sabem que o dinheiro tem um poder limitado e, por essa razão, querem migrar para Marte ou qualquer outro planeta que tenha condições de vida. Porém, nas palavras do autor, “se uma parte de nós acha que pode colonizar outro planeta, significa que não aprenderam nada com a experiência aqui na Terra” (Krenak, 2020, p. 26). Dominados pelo efeito narcotizante do consumismo desenfreado, os seres humanos estão cada vez mais desconectados da Terra, concebida como um organismo vivo, segundo a teoria de James Lovelock<sup>ii</sup>.

Nesse sentido, o *homo sapiens* é como uma “ameba gigante”. O fato de estarmos viciados em Modernidade nos impele a uma hipervalorização da espécie humana, como se a criatura “homem” fosse indispensável e, por conseguinte, insubstituível. Todavia, o que significa “humanidade” se não uma construção histórica que atende a determinadas conveniências de poder?

Estamos viciados em modernidade. A maior parte das invenções é uma tentativa de nós, humanos, nos projetarmos em matéria para além de nossos corpos. Isso nos dá a sensação de poder, de permanência, a ilusão de que vamos continuar existindo. A modernidade tem esses artifícios [...]. Com todas as evidências, as geleiras derretendo, os oceanos cheios de lixo, as listas de espécies em extinção aumentando, será que a única maneira de mostrar para os negacionistas que a Terra é um organismo vivo é esquarteja-la? Picá-la em pedaços e mostrar: “Olha como ela é viva”? É de uma estupidez absurda (Krenak, 2020, p. 17-18).

Baseado na filosofia dos povos tradicionais, Krenak constata que a vida não pode ser reduzida a definições utilitárias ou colocada no “modo automático”, pois ela é similar a uma “dança cósmica”; é uma fruição. E é nesse jogo dançante que o ser humano estabelece uma conexão profunda com a natureza, enxergando-se como parte dela. O espírito consumista da Modernidade quer impor rotulações à vida pelo fato de não considerá-la como um valor em si mesma.

Uma biografia: alguém nasceu, fez isso, fez aquilo, cresceu, fundou uma cidade, inventou o fordismo, fez a revolução, fez um foguete, foi para o espaço; tudo isso é uma historinha ridícula. Por que insistimos em transformar a vida em uma coisa útil? Nós temos que ter coragem de ser radicalmente vivos, e não ficar barganhando a sobrevivência [...] Nunca vai ocorrer a um peixinho que o oceano tem que ser útil, o oceano é a própria vida. Mas nós somos o tempo inteiro cobrados a fazer coisas úteis. É por isso que muita gente morre cedo, desiste dessa bobagem toda e vai embora (Krenak, 2020, p. 108-109).

Em suma, ler Ailton Krenak é uma boa escolha para quem deseja aprimorar sua consciência ecológica. Diante das crescentes ondas de negacionismo no Brasil, é imprescindível recorrer à sabedoria dos povos tradicionais, pois, ao contrário do “homem moderno”, eles mantêm um contato íntimo com a natureza. Eles são “fontes primárias” para a educação ambiental no país. Para salvar o planeta, é necessário ter humildade e ouvi-los atentamente.

### **Referências**

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 128 p.

---

### **Notas**

<sup>i</sup> Os textos são frutos de conferências realizadas pelo autor entre 2017 e 2020.

<sup>ii</sup> Durante muito tempo, a teoria de Gaia – criada por Lovelock – foi marginalizada e ofuscada pelo darwinismo.

### **Sobre o autor**

#### **Anthony Gabriel da Silva Frota**

Bacharel em Filosofia pela Faculdade Diocesana São José – FADISI. cursando especialização em “Ontologia, Conhecimento e Linguagem na História da Filosofia” pela Universidade Federal do Acre. Membro do grupo de pesquisa História da Filosofia Medieval (UFAC/CNPq).

**E-mail:** anthonyfrota39@gmail.com

**ORCID:** <https://orcid.org/0009-0008-3255-8179>

Recebido em: 22/02/2025

Aceito para publicação em: 14/03/2025